

O amor tem o poder de superar até os mais difíceis obstáculos

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS



O Milagre





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Rhett e Valerie Little,
pessoas maravilhosas, amigos maravilhosos*

1



Jeremy Marsh sentou-se no estúdio, com os outros espectadores do programa ao vivo. Tinha a estranha impressão de que chamava a atenção. Ele era um entre apenas meia dúzia de homens presentes ali, naquela tarde de meados de dezembro. Vestia preto, é claro, e seus cabelos escuros e ondulados, olhos azul-claros e a barba rente da moda condiziam totalmente com a imagem do nova-iorquino que era. Enquanto analisava o convidado no palco, conseguia observar de maneira furtiva a loura atraente a três fileiras de distância. Sua profissão muitas vezes exigia que executasse várias tarefas ao mesmo tempo, de modo eficaz. Era um jornalista investigativo em busca de uma história, e a loura era apenas mais uma pessoa na plateia. Ainda assim, o observador profissional que existia nele não podia deixar de notar como ela ficava atraente usando camiseta frente-única e jeans. Jornalisticamente falando, é claro.

Esvaziando a cabeça, ele tentou voltar a se concentrar no convidado. O cara era mais do que ridículo. Sob o brilho das luzes da televisão, Jeremy achou que o guia espiritual parecia sofrer de prisão de ventre enquanto alegava ouvir vozes do além. Ele havia adotado uma falsa intimidade, agindo como se fosse irmão ou melhor amigo de todos, e parecia que a grande maioria da plateia boquiaberta – incluindo a atraente loura e a mulher a quem o convidado se dirigia – o considerava uma dádiva dos céus. O que fazia sentido, pensou Jeremy, já que era lá que todos os entes queridos perdidos iam parar. Espíritos do além estavam sempre cercados por uma luz brilhante e angelical, envoltos por uma aura de paz e tranquilidade. Jeremy nunca ouvira falar de um guia espiritual se comunicando com aquele outro lugar, muito mais quente. Um ente querido nunca mencionava que estava sendo assado em um espeto ou cozido em um caldeirão de óleo de motor,

por exemplo. Mas Jeremy sabia que estava sendo cético. Além disso, tinha que admitir, o programa era muito bom. Timothy Clausen era ótimo – muito melhor do que a maioria dos charlatões sobre quem havia escrito ao longo dos anos.

– Sei que é difícil – disse Clausen ao microfone –, mas Frank está dizendo que já é hora de deixá-lo ir.

A mulher a quem ele se dirigia com uma empatia exagerada parecia prestes a desmaiar. Tinha 50 e poucos anos, vestia uma blusa com listras verdes e seus cabelos cacheados eram desgrenhados. As mãos estavam entrelaçadas com tanta força na altura do peito que os nós dos dedos estavam brancos.

Clausen parou e levou a mão à testa, conectando-se mais uma vez ao “além”, como ele mesmo dizia. Em silêncio, a multidão se inclinava para a frente nos assentos. Todos sabiam o que vinha em seguida. Aquela mulher era a terceira pessoa da plateia que Clausen havia escolhido naquele dia. Não era de surpreender que ele fosse o único convidado do popular programa de entrevistas.

– Você se lembra da carta que ele lhe mandou? – perguntou Clausen. – Antes de morrer?

A mulher ficou espantada. O funcionário da equipe que estava ao seu lado segurou o microfone ainda mais perto para que todos os telespectadores pudessem ouvi-la com clareza.

– Sim, mas como é que você sabe...? – gaguejou ela.

Clausen não a deixou terminar.

– Você lembra o que dizia?

– Lembro.

Clausen fez um gesto positivo com a cabeça, como se ele próprio houvesse lido a carta.

– Era sobre perdão, não era?

No sofá, a apresentadora do programa de entrevistas mais popular dos Estados Unidos alternava o olhar entre Clausen e a mulher. Ela parecia ao mesmo tempo impressionada e satisfeita. Guias espirituais eram sempre bons para a audiência.

Quando a mulher da plateia confirmou, Jeremy notou o rímel começando a escorrer pelo rosto dela. As câmeras deram um *zoom* para mostrar mais claramente. Programação diurna em todo o seu drama.

– Mas como você...? – insistiu a mulher.

– Ele estava falando sobre sua irmã também – murmurou Clausen. – Não apenas dele.

A mulher fixou o olhar nele, atônita.

– Sua irmã Ellen – acrescentou Clausen.

Com essa revelação, a mulher enfim caiu num choro convulsivo. As lágrimas brotaram como um sistema anti-incêndio. Clausen – bronzeado e elegante com seu terno preto e sem nenhum fio de cabelo fora do lugar – continuou a balançar a cabeça como um daqueles cachorros de plástico que as pessoas põem no painel do carro. A plateia olhava para a mulher no mais absoluto silêncio.

– Frank deixou mais uma coisa para você, não deixou? Algo de seu passado.

Apesar das luzes quentes do estúdio, a mulher pareceu ficar pálida. No canto do cenário, atrás da área de visão geral, Jeremy viu o produtor rolando o dedo no ar, como a hélice de um helicóptero. Estava chegando a hora do intervalo. Clausen deu uma olhada praticamente imperceptível naquela direção. Ninguém além de Jeremy pareceu notar. Ele sempre se perguntava por que os espectadores nunca se questionavam como a comunicação com o mundo dos espíritos podia estar em tão perfeita sincronia com os intervalos comerciais.

Clausen continuou:

– Que mais ninguém podia saber. Algum tipo de chave, não é?

A mulher assentiu, ainda chorando.

– Você nunca pensou que ele guardaria, não é?

Certo, aqui está o argumento final, pensou Jeremy. Mais uma crente no papo.

– É do hotel onde vocês passaram a lua de mel. Ele queria que, quando você a encontrasse, se lembrasse dos momentos felizes que passaram juntos. Ele não quer que se lembre dele com dor, porque ele a ama.

– Ooohhhhhh... – gritou a mulher.

Mais ou menos. Talvez fosse um gemido. De onde estava, Jeremy não podia ter certeza, porque o grito foi abafado por aplausos repentinos e entusiasmados. O microfone foi puxado para longe. As câmeras se afastaram. Depois de terminado seu momento de fama, a mulher da plateia desmoronou na cadeira. Nesse momento, a apresentadora se levantou do sofá e olhou para a câmera.

– Lembrem-se: o que vocês estão vendo é real. Nenhuma dessas pessoas nunca se encontrou com Timothy Clausen. – Ela sorriu. – Voltaremos com mais uma leitura após o intervalo.

Mais aplausos quando o programa foi interrompido pelos comerciais. Jeremy recostou em seu assento.

Jornalista investigativo conhecido por seu interesse pela ciência, ele fizera carreira escrevendo sobre pessoas como aquele homem. Na maior parte do tempo, gostava do que fazia e se orgulhava de seu trabalho, considerando-o um valioso serviço de utilidade pública, em uma profissão tão especial que tinha seus direitos enumerados na Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos. Para sua coluna regular na revista *Scientific American*, entrevistara ganhadores do Prêmio Nobel, explicara para leigos as teorias de Stephen Hawking e Einstein e recebera os créditos por incitar o movimento da opinião pública que levou o órgão responsável pelo controle de medicamentos a retirar um perigoso antidepressivo do mercado. Havia escrito bastante sobre o projeto Cassini, o espelho defeituoso na lente do telescópio espacial Hubble, e fora um dos primeiros a acusar publicamente o experimento de fusão a frio de Utah de ser uma fraude.

Infelizmente, por mais impressionante que pudesse parecer, sua coluna não lhe rendia muito dinheiro. Era o trabalho como autônomo que pagava a maioria de suas contas e, como todos os profissionais liberais, ele estava sempre se matando para encontrar matérias que pudessem interessar aos editores de jornais e revistas. Seu nicho havia se ampliado para incluir “qualquer coisa incomum” e, nos últimos quinze anos, pesquisava e investigava paranormais, guias espirituais, pessoas que diziam promover a cura pela fé e médiuns. Expôs fraudes, trotes e falsificações. Visitou casas mal-assombradas, procurou criaturas místicas e caçou as origens de lendas urbanas. Cético por natureza, ele também tinha a rara habilidade de explicar conceitos científicos difíceis de forma que o leitor mediano conseguisse entender, e seus artigos já haviam sido publicados em centenas de jornais e revistas de todo o mundo. Ele sentia que a desmistificação científica era tão nobre quanto importante, mesmo que o público nem sempre a apreciasse. Com frequência, a correspondência que recebia após publicar seus artigos era apimentada com palavras como “idiota”, “babaca” e o seu xingamento preferido: “puxa-saco do governo.”

Havia aprendido que o jornalismo investigativo era um ramo ingrato.

Refletindo sobre isso com a testa franzida, ele observava a plateia conversando apaixonadamente, imaginando quem seria escolhido em seguida. Jeremy deu mais uma olhada para a loura, que verificava o batom em um espelhinho.

Ele já sabia que as pessoas escolhidas por Clausen não faziam parte do número, mesmo que a apresentação dele fosse anunciada com antecedência e as pessoas lutassem para conseguir ingressos. O que significava, é claro, que a plateia estava cheia de pessoas que acreditavam em vida após a morte. Para elas, Clausen era honesto. De que forma poderia saber coisas tão pessoais sobre estranhos se não falasse com espíritos? Mas, como qualquer bom mágico cujo repertório é ensaiado à perfeição, a ilusão ainda era uma ilusão, e, pouco antes do programa, Jeremy havia não apenas descoberto como ele executava seu truque, mas tinha evidência fotográfica para provar.

Desmascarar Clausen seria o maior golpe de Jeremy até o momento, e o cara merecia. Era um golpista do pior tipo. Ainda assim, o lado pragmático de Jeremy também percebia que esse era o tipo de história que quase nunca aparecia e ele queria tirar o máximo proveito dela. Clausen, afinal, estava virando uma grande celebridade e, nos Estados Unidos, ser celebridade era só o que importava. Embora soubesse ser muito improvável, fantasiava com o que aconteceria se Clausen o escolhesse. Não esperava que fosse acontecer. Seria o mesmo que ganhar na loteria. E, mesmo que não acontecesse, Jeremy sabia que ainda tinha uma matéria de qualidade. No entanto, muitas vezes qualidade e singularidade estavam separadas por simples reveses do destino, e quando terminou o intervalo comercial, sentiu uma leve pontada de esperança injustificada que dizia que, de algum modo, Clausen apontaria para ele.

E, como se Deus também não estivesse muito empolgado com o que Clausen estava fazendo, foi exatamente o que aconteceu.



Três semanas depois, o inverno castigava Manhattan. Uma frente fria havia chegado do Canadá, fazendo as temperaturas caírem a quase zero e nuvens de vapor saírem constantemente dos bueiros até recaírem sobre as calçadas congeladas. Não que alguém parecesse se importar. Os resistentes cidadãos

de Nova York demonstravam a indiferença de sempre a todas as coisas relacionadas ao clima, e noites de sexta-feira não podiam ser desperdiçadas de jeito nenhum. As pessoas trabalhavam muito durante a semana para desperdiçar uma noite, sobretudo quando havia motivos para comemorar. Nate Johnson e Alvin Bernstein já estavam comemorando havia uma hora, junto com dezenas de amigos e jornalistas – alguns da *Scientific American* – que haviam se reunido para homenagear Jeremy. A maioria já estava na fase agitada da noite, divertindo-se bastante, em grande parte porque jornalistas costumavam se preocupar com grana e era Nate quem estava pagando.

Nate era agente de Jeremy. Alvin, um operador de câmera autônomo, era o melhor amigo de Jeremy. Eles estavam reunidos no bar da moda do Upper West Side para comemorar a aparição de Jeremy no *Primetime* da ABC. As chamadas do programa haviam passado na televisão aquela semana – muitas delas mostrando a capa e a matéria escrita por Jeremy e a promessa de uma grande revelação –, e pedidos de entrevistas do mundo todo não paravam de chegar ao escritório de Nate. Mais cedo, naquela mesma tarde, a revista *People* havia ligado, e uma entrevista fora agendada para a manhã da segunda-feira seguinte.

Não houve tempo para reservar uma sala privada para a reunião, mas ninguém parecia se importar. Com o longo balcão de granito e luzes teatrais, o estabelecimento lotado parecia o lar dos ricos e bem-sucedidos. Enquanto os jornalistas da *Scientific American* tendiam a usar paletós esportivos de tweed com protetores de bolso e estavam agrupados em um canto, discutindo fótons, a maioria dos outros clientes parecia estar passando por lá após sair do trabalho em Wall Street ou na Madison Avenue: paletós de ternos italianos pendurados nas costas das cadeiras, gravatas Hermès afrouxadas, homens que não pareciam querer nada além de apreciar as mulheres que frequentavam o local e exibir seus relógios Rolex. Mulheres vindas direto do trabalho na área editorial e de publicidade vestiam saias de marcas famosas e saltos impossivelmente altos, bebendo martinis aromatizados e fingindo ignorar os homens. O próprio Jeremy estava de olho em uma ruiva alta do outro lado do bar que parecia estar olhando em sua direção. Ele ficou imaginando se ela o estava reconhecendo dos comerciais de televisão ou se apenas queria companhia. Ela se virou, aparentando desinteresse, mas logo voltou a olhar para ele. O olhar dela se demorou apenas um pouco mais dessa vez, e Jeremy ergueu o copo.

– Vamos, Jeremy, preste atenção – disse Nate, cutucando-o com o cotovelo. – Você está na TV! Não quer ver como se saiu?

Jeremy tirou os olhos da ruiva. Olhando para a tela, viu a si mesmo sentado de frente para Diane Sawyer. Estranho, pensou, era como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Ainda não parecia muito real. Nada nas últimas três semanas parecia real, apesar de todos esses anos na mídia.

Na tela, Diane o descrevia como o “jornalista científico mais conceituado dos Estados Unidos”. A matéria não apenas havia se transformado em tudo o que ele queria, mas Nate também estava conversando com o *Primetime Live* sobre Jeremy fazer matérias regulares para eles, com a possibilidade de reportagens especiais para o *Good Morning America*. Embora muitos jornalistas acreditassem que a televisão era menos importante que outras formas mais sérias de jornalismo, nada impedia que muitos deles, em segredo, a considerassem o Santo Graal – associando-a, desse modo, a muito dinheiro. Apesar dos cumprimentos, a inveja estava no ar, uma sensação tão estranha a Jeremy quanto uma viagem espacial. Afinal, jornalistas como ele não estavam exatamente no topo da hierarquia da mídia – até hoje.

– Ela acabou de dizer que você é conceituado? – perguntou Alvin. – Você escreve sobre o Pé Grande e a lenda de Atlantis!

– Psiu! – Nate disse com os olhos grudados na televisão. – Estou tentando escutar. Isso pode ser importante para a carreira do Jeremy.

Como seu agente, Nate estava sempre promovendo eventos que “podiam ser importantes para a carreira do Jeremy”, simplesmente porque o trabalho como autônomo não era assim tão lucrativo. Anos antes, quando Nate estava começando, Jeremy havia submetido a proposta de um livro e os dois estavam trabalhando juntos até hoje, apenas porque se tornaram amigos.

– Não importa – disse Alvin, ignorando a repreensão.

Enquanto isso, piscando na tela atrás de Diane Sawyer e Jeremy estavam os momentos finais da participação do jornalista no programa vespertino, no qual ele havia fingido sofrer pela morte de seu irmão ainda na infância, um menino com quem Clausen alegava estar se comunicando em benefício de Jeremy.

– Ele está comigo. – Clausen podia ser ouvido anunciando. – Ele quer que você o deixe ir, Thad.

A imagem mudou para capturar a interpretação de Jeremy de um participante angustiado, seu rosto contorcido. Clausen fez um sinal positivo com a cabeça ao fundo, demonstrando empatia ou parecendo sofrer de prisão de ventre, dependendo da perspectiva.

– Sua mãe nunca desmontou o quarto dele... o quarto que você dividia com ele. Ela insistiu em mantê-lo intacto, e você ainda tinha que dormir lá – continuou Clausen.

– Sim – murmurou Jeremy.

– Mas você tinha medo de ficar lá e, num acesso de raiva, pegou algo dele, algo muito pessoal, e enterrou no jardim.

– Sim – Jeremy conseguiu dizer mais uma vez, como se estivesse emotivo demais para falar.

– Seu aparelho ortodôntico!

– Oooooohhhhh! – gritou Jeremy, levando as mãos ao rosto.

– Seu irmão o ama, mas você tem que perceber que ele agora está em paz. Ele não sente raiva de você...

– Oooooohhhhhhh! – gemeu Jeremy outra vez, contorcendo ainda mais o rosto.

No balcão, Nate assistia às imagens, concentrado e em silêncio. Alvin, por outro lado, estava rindo e ergueu o copo de cerveja.

– Esse cara merece um Oscar! – gritou.

– Foi bem impressionante, não foi? – brincou Jeremy, com um riso forçado.

– Ei, vocês dois, estou falando sério – disse Nate, sem esconder a irritação. – Conversem durante os comerciais.

– Não importa – repetiu Alvin. “Não importa” sempre foi a expressão favorita dele.

No *Primetime Live*, o vídeo que estava sendo transmitido escureceu e a câmera focalizou Diane Sawyer e Jeremy, sentados um de frente para o outro.

– Então nada do que Timothy Clausen disse era verdade? – perguntou Diane.

– Nada! – afirmou Jeremy. – Como você já sabe, meu nome não é Thad, e embora eu tenha cinco irmãos, estão todos vivos e bem.

Diane segurava uma caneta sobre um bloco de papel, como se fosse tomar notas.

– E como Clausen fez isso?

– Bem, Diane – começou Jeremy.

No bar, Alvin ergueu sua sobrancelha com piercing. Ele se aproximou de Jeremy.

– Você acabou de chamá-la de Diane? Como se fossem *amigos*?

– Vocês podem parar? – pediu Nate, ficando cada vez mais irritado.

Na tela, Jeremy continuava:

– O que Clausen faz não passa de uma variação do que as pessoas vêm fazendo há centenas de anos. Em primeiro lugar, ele é bom em analisar pessoas, e é especialista em fazer associações vagas e carregadas de emoção e em reagir a pistas dadas por membros da plateia.

– Sim, mas ele foi tão específico. Não só com você, mas com os outros participantes. Ele tinha nomes. Como faz isso?

Jeremy deu de ombros.

– Ele me ouviu falando sobre meu irmão Marcus antes do programa. Simplesmente inventei uma vida imaginária e a anunciei em alto e bom som.

– Como isso chegou aos ouvidos de Clausen?

– Golpistas como Clausen são conhecidos por utilizar uma variedade de truques, incluindo microfones e “ouvintes” pagos que circulam na área de espera antes do programa. Antes de me sentar, fiz questão de circular e puxar conversa com vários membros da plateia, observando se alguém demonstrava curiosidade fora do comum por minha história. E um homem me pareceu particularmente interessado.

Atrás dele, o vídeo foi substituído por uma fotografia ampliada que Jeremy havia tirado com uma pequena câmera escondida em seu relógio, um brinquedinho de espião com tecnologia avançada que ele logo pôs na conta da *Scientific American*. Jeremy adorava brinquedos tecnológicos. Quase tanto quanto adorava colocá-los na conta dos outros.

– O que estamos vendo aqui? – perguntou Diane.

Jeremy explicou:

– Esse homem estava na plateia, passando-se por visitante de Peoria. Tirei essa foto pouco antes do programa, quando estávamos conversando. Aproximem mais a imagem, por favor.

Na tela, a fotografia foi ampliada e Jeremy foi até ela.

– Está vendo o pequeno broche dos Estados Unidos em sua lapela? Não é apenas um enfeite. Na verdade, é um transmissor em miniatura que envia sinais a um gravador nos bastidores.

Diane franziu a testa.

– Como você sabe disso?

– Porque – disse Jeremy, erguendo uma sobrancelha – eu, por acaso, tenho um igualzinho.

No mesmo instante, Jeremy enfiou a mão no bolso do paletó e tirou um broche dos Estados Unidos idêntico, ligado a um longo e fino fio e a um transmissor.

– Esse modelo específico é produzido em Israel. – A voz de Jeremy podia ser ouvida sobre o close que câmera dava no dispositivo. – E é bem moderno. Ouvi dizer que é usado pela CIA, mas, é claro, não posso confirmar essa informação. O que posso dizer é que a tecnologia é muito avançada. Este pequeno microfone é capaz de captar conversas do outro lado de uma sala lotada e barulhenta e, com os sistemas de filtragem adequados, pode até mesmo isolá-las.

Diane inspecionou o broche com aparente fascinação.

– E você tem certeza de que era mesmo um microfone e não apenas um broche?

– Bem, como você sabe, já estou investigando o passado de Clausen há um tempo, e, uma semana após o programa, consegui obter algumas fotos.

Uma nova fotografia apareceu na tela. Embora um pouco granulada, era a imagem do mesmo homem que estava usando o broche dos Estados Unidos.

– Essa foto foi tirada na Flórida, em frente ao escritório de Clausen. Como pode ver, o homem está entrando. Seu nome é Rex Moore e, na verdade, é funcionário de Clausen. Trabalha para ele há dois anos.

– Ooohhhhh! – gritou Alvin, e o resto da transmissão, que já estava mesmo terminando, foi abafado quando os outros, invejosos ou não, começaram com gritos e assobios.

A bebida grátis havia cumprido sua função, e Jeremy foi inundado de cumprimentos após o fim do programa.

– Você foi incrível – disse Nate.

Aos 43 anos, ele era baixo, estava perdendo cabelo e costumava usar ternos um pouco apertados na cintura. Apesar de tudo, era a personificação da energia e, como a maioria dos agentes, estava sempre entusiasmado e muito otimista.

– Obrigado – falou Jeremy, virando o resto da cerveja.

– Isso vai ser importantíssimo para sua carreira – continuou Nate. – É seu passaporte para um emprego regular na televisão. Chega de se arrastar por trabalhos ruins em revistas, chega de ir atrás de histórias de OVNI. Sempre falei que você foi feito para a TV com essa sua aparência.

– Você sempre disse isso – admitiu Jeremy, revirando os olhos como quem cita um sermão repetido com frequência.

– Estou falando sério. Os produtores do *Primetime* e do *GMA* não param de ligar, falando sobre usar você como colaborador regular nos programas. Você sabe, “o que essa notícia científica de última hora significa para você” e tudo mais. Um grande salto para um repórter de ciências.

– Eu sou jornalista. – Jeremy fungou. – E não repórter.

– Não importa – disse Nate, fazendo um gesto como se espantasse uma mosca. – Como eu sempre falei, sua aparência foi feita para a televisão.

– Tenho que admitir que Nate está certo – concordou Alvin, piscando um dos olhos. – Quero dizer... de que outra forma você poderia ser mais popular que eu com as damas, apesar de não ter personalidade? – Durante anos, Alvin e Jeremy frequentaram bares juntos, tentando caçar mulheres.

Jeremy riu. Alvin Bernstein, cujo nome parecia se referir a de um contador bem alinhado e de óculos – um dos inúmeros profissionais que usavam sapatos Florsheim e carregavam pastas de couro para o trabalho –, não se parecia com um Alvin Bernstein. Quando adolescente, ele tinha visto Eddie Murphy no stand-up *Delirious* e decidido adotar o estilo couro-total, um guarda-roupa que horrorizava Melvin, seu pai, adepto dos sapatos Florsheim e da pasta de couro. Por sorte, o couro parecia combinar bem com suas tatuagens. Alvin as considerava um reflexo de sua estética singular, e ele era singularmente estético nos dois braços, até as escápulas. Tudo isso complementado por orelhas cheias de piercings.

– Então ainda está planejando uma viagem ao sul para investigar aquela história de fantasma? – perguntou Nate. Jeremy podia ver com clareza as engrenagens girando em sua cabeça. – Depois da entrevista para a *People*, quero dizer...

Jeremy afastou os cabelos escuros dos olhos e fez sinal para o barman servir outra cerveja.

– É, acho que sim. Com ou sem o *Primetime*, ainda tenho contas para pagar e pensei em usar isso para minha coluna.

– Mas você manterá contato, não é? Não vai ser como daquela vez em que se infiltrou entre os Justos e Sagrados?

Ele se referia a uma matéria de seis mil palavras que Jeremy havia feito para a *Vanity Fair* sobre um culto religioso. Naquela ocasião, Jeremy praticamente cortara toda a comunicação por um período de três meses.

– Mantereí contato – afirmou Jeremy. – Essa história não tem nada a ver com aquela. Devo sair de lá em menos de uma semana. “Luzes misteriosas no cemitério.” Nada de mais.

– Ei, por acaso você precisa de um operador de câmera? – Alvin se intrometeu.

Jeremy olhou para ele.

– Por quê? Você quer ir?

– Claro. Ir para o sul no inverno, talvez conhecer uma bela sulista enquanto você banca tudo. Ouvi dizer que as mulheres lá de baixo são uma loucura, mas no bom sentido. Seriam umas férias exóticas.

– Você não tinha que gravar alguma coisa para o *Law & Order* semana que vem?

Por mais estranho que Alvin parecesse, sua reputação era impecável, e seus serviços costumavam ser muito requisitados.

– É, mas até o final da semana já estarei livre. E, veja só, se está realmente levando a sério essa coisa de televisão como Nate diz que devia estar, pode ser importante ter umas imagens boas dessas luzes misteriosas.

– Supondo que existam mesmo luzes para filmar.

– Você faz o trabalho preliminar e me avisa. Vou deixar a agenda em aberto.

– Mesmo se existir alguma luz, é uma história pouco importante – alertou Jeremy. – Ninguém da televisão terá interesse.

– Talvez não no mês passado – disse Alvin. – Mas depois de ver você hoje à noite, eles ficarão interessados, sim. Você sabe como funciona a televisão... todos aqueles produtores correndo atrás do próprio rabo, tentando encontrar a próxima grande atração. Se o *GMA* demonstra um interesse repentino, você sabe que o *Today* logo vai ligar e o *Dateline* baterá na porta. Nenhum produtor quer ficar de fora. É assim que eles são demitidos. A última coisa que querem é explicar aos executivos por que perderam o barco. acredite em mim, eu trabalho na televisão. Conheço essas pessoas.

– Ele tem razão – concordou Nate. – Você nunca sabe o que vai acontecer em seguida, e pode ser uma boa ideia planejar de antemão. Ficou claro que você marcou presença hoje à noite. Não se engane. E, se conseguir filmar as luzes, pode ser exatamente o que o *GMA* ou o *Primetime* precisam para tomar a decisão.

Jeremy encarou seu agente com os olhos estreitos.

– Está falando sério? É uma história *de nada*. Resolvi fazer a matéria porque precisava dar um tempo depois do Clausen. Aquela matéria ocupou quatro meses da minha vida.

– E veja aonde o levou – observou Nate, colocando a mão no ombro de Jeremy. – Pode ser uma matéria bobinha, mas com imagens sensacionais e um bom pano de fundo, quem sabe o que a televisão vai achar?

Jeremy ficou em silêncio por um instante antes de, por fim, dar de ombros.

– Está bem – cedeu. Depois olhou para Alvin: – Saio na terça-feira. Veja se consegue chegar lá até a próxima sexta. Ligo antes disso com os detalhes.

Alvin pegou a cerveja e tomou um gole.

– Por Deus – falou, imitando o comediante Gomer Pyle. – Eu vou para a terra da canjica e da tripa de porco. E prometo não cobrar caro.

Jeremy riu.

– Já esteve lá no sul?

– Não. E você?

– Já visitei Nova Orleans e Atlanta – admitiu Jeremy. – Mas são cidades grandes, e cidades grandes são mais ou menos iguais em todo lugar. Para essas matérias, vamos para o sul de verdade. É uma cidadezinha na Carolina do Norte, um lugar chamado Boone Creek. Você precisa ver o site da cidade. Ele fala das azaleias e cornisos que florescem em abril e exibe com orgulho a foto do cidadão mais proeminente da cidade. Um cara chamado Norwood Jefferson.

– Quem? – perguntou Alvin.

– Um político. Ele foi representante da Carolina do Norte no Senado de 1907 a 1916.

– E daí?

– Exato – confirmou Jeremy com um gesto. Olhando para o outro lado do bar, notou, decepcionado, que a ruiva já tinha ido embora.

– Onde exatamente fica esse lugar?

– Bem entre o *meio do nada* e “*onde estamos mesmo?*”. Vou ficar hospedado em um lugar chamado Greenleaf Cottages, que a Câmara do Comércio descreve como pitoresco e rústico, mas ao mesmo tempo moderno. Ou seja lá o que isso signifique.

Alvin riu.

– Parece uma aventura.

– Não se preocupe com isso. Você vai se dar muito bem lá no sul, tenho certeza.

– Você acha?

Jeremy observou o couro, as tatuagens e os piercings.

– Ah, tenho certeza – disse Jeremy. – Acho até que vão querer adotá-lo.

2



Na terça-feira, um dia depois de sua entrevista para a revista *People*, Jeremy chegou à Carolina do Norte. Era pouco depois do meio-dia; quando saiu de Nova York, o dia estava nublado e chuvoso, e a previsão era de mais neve. Aqui, com uma extensão de céu azul sobre ele, o inverno parecia bem distante.

De acordo com o mapa que havia comprado na loja de presentes do aeroporto, Boone Creek ficava no condado de Pamlico, centenas de quilômetros a sudoeste de Raleigh e – se a estrada servisse de indicativo – a uns zilhões de quilômetros do que ele considerava civilização. De ambos os lados, a paisagem era plana e esparsa, nem um pouco empolgante. As fazendas eram separadas por faixas finas de pinheiros-amarelos e, dado o pouco trânsito, Jeremy tinha que se segurar para não pisar fundo demais no acelerador por puro tédio.

Mas não foi de todo ruim, ele tinha que admitir. Bem, pelo menos a parte da direção. A leve vibração do volante, a rotação do motor e a sensação de aceleração eram conhecidas por aumentar a produção de adrenalina, principalmente em homens (ele chegou a escrever uma coluna sobre isso). No entanto, a vida na cidade grande fazia com que fosse supérfluo ter um carro e ele nunca foi capaz de justificar as despesas de possuir um. Em vez disso, era transportado de um lugar ao outro em metrô lotados ou táxis que andavam aos trancos. Andar pela cidade era barulhento, frenético e, dependendo do taxista, às vezes arriscado. Mas como um nova-iorquino nascido e criado na cidade, havia muito tempo aprendera a aceitar isso como apenas mais um aspecto empolgante da vida no local que ele chamava de lar.

Seus pensamentos se voltaram para a ex-mulher. Maria teria adorado um passeio como esse, pensou. Nos primeiros anos de casamento, eles

costumavam alugar um carro e ir para as montanhas ou para a praia, às vezes passando horas na estrada. Ela trabalhava na revista *Elle* quando se conheceram em uma festa da editora. Ao perguntar se ela queria ir com ele a um café ali perto, não fazia ideia de que ela acabaria se tornando a única mulher que amou. A princípio, achou que tivesse cometido um erro ao convidá-la para sair, simplesmente porque não pareciam ter nada em comum. Ela era petulante e emotiva, mas depois, quando se beijaram na frente do apartamento dela, Jeremy ficou hipnotizado.

Com o tempo, ele passou a apreciar sua personalidade exaltada, os instintos infalíveis sobre as pessoas e a forma como parecia aceitá-lo como um todo, sem julgamento, tanto o lado bom quanto o ruim. Um ano depois, casaram-se na igreja, cercados por amigos e parentes. Ele tinha 26 anos, ainda não era colunista da *Scientific American*, mas aos poucos construía sua reputação, e eles mal podiam pagar pelo apartamento que alugavam no Brooklyn. Na cabeça dele, era uma glória conjugal jovem e batalhadora. Na dela, ele às vezes suspeitava, o casamento deles era forte na teoria, mas construído sobre uma base instável. No início, o problema era simples: enquanto o trabalho dela a mantinha na cidade, Jeremy viajava em busca de uma grande história onde quer que ela estivesse. Com frequência, ficava fora por semanas e, embora ela tivesse garantido a ele que podia lidar com isso, deve ter percebido durante suas ausências que, na verdade, não podia. Logo após o segundo aniversário de casamento, enquanto ele se preparava para mais uma viagem, Maria se sentou ao lado dele na cama. Entrelaçando as mãos, ergueu os olhos castanhos de encontro aos dele.

– Isso não está dando certo – falou simplesmente, deixando as palavras no ar por um instante. – Você nunca está em casa e isso não é justo comigo. Não é justo conosco.

– Quer que eu me demita? – perguntou Jeremy, sentindo uma pequena bolha de pânico surgir dentro dele.

– Não, não quero que se demita. Mas talvez possa encontrar algo por aqui. Como no *Times*. Ou no *Post*. Ou no *Daily News*.

– Não vai ser assim para sempre – alegou ele. – É só por um tempo.

– Foi o que você disse há seis meses – argumentou ela. – Isso nunca vai mudar.

Olhando para trás, Jeremy sabia que devia ter visto aquilo como o aviso que de fato era, mas, na época, tinha uma matéria para escrever, uma repor-

tagem sobre Los Alamos. Ela abriu um sorriso incerto quando ele lhe deu um beijo de despedida e, no avião, ele pensou rapidamente na expressão dela, mas, quando voltou, Maria parecia ter voltado a ser quem era, e eles passaram o fim de semana enroscados na cama. Ela começou a falar sobre ter um bebê e, apesar de seu nervosismo, Jeremy ficou empolgado com a ideia. Supôs que tinha sido perdoado, mas a armadura de proteção do relacionamento estava lascada, e rachaduras imperceptíveis apareciam a cada nova ausência. O rompimento final veio um ano mais tarde, um mês após a visita a um médico no Upper East Side, que apresentou-lhes um futuro que nenhum dos dois jamais havia previsto. Muito mais do que suas viagens, a visita havia renunciado o fim do relacionamento, e até Jeremy sabia disso.

– Não posso ficar – disse-lhe Maria. – Eu quero, e parte de mim sempre vai amar você, mas não posso.

Ela não precisou dizer mais nada e, nos momentos silenciosos de autopiedade após o divórcio, ele às vezes se questionava se ela algum dia o havia amado de verdade. Eles podiam ter conseguido, dizia a si mesmo. Mas no fim, entendeu por que ela foi embora e não guardava mágoa. Agora eles até se falavam por telefone, embora ele não tenha conseguido comparecer ao casamento dela com um advogado que vivia em Chappaqua, três anos antes.

O divórcio tinha saído havia sete anos e, na verdade, era a única coisa triste de verdade que já lhe acontecera. Poucos podiam dizer algo assim, ele sabia. Nunca se feriu com gravidade, tinha uma vida social ativa e nenhum trauma de infância. Seus irmãos e as respectivas esposas, os pais, e mesmo os avós – todos os quatro na faixa dos 90 anos – eram saudáveis. Também eram próximos: alguns fins de semana por mês o crescente clã se reunia na casa de seus pais, que ainda moravam no Queens, no mesmo lugar onde Jeremy crescera. Ele tinha dezessete sobrinhos e sobrinhas, e, embora às vezes se sentisse deslocado nos compromissos familiares, pois estava solteiro em uma família de pessoas muito bem casadas, seus irmãos eram respeitosos o bastante para não questionar os motivos do divórcio.

E ele havia superado. Na maior parte do tempo, pelo menos. Às vezes, em viagens de carro como essa, sentia uma pontada de nostalgia pelo que podia ter acontecido. Mas era raro, e o divórcio não o deixara desiludido em relação às mulheres em geral.

Alguns anos antes, Jeremy acompanhara um estudo que analisava se a percepção de beleza era produto de normas culturais ou da genética. Para

a pesquisa, pediram que mulheres atraentes e menos atraentes segurassem crianças pequenas, e a duração do contato visual entre as mulheres e as crianças foi comparada. O estudo mostrou uma correlação direta entre beleza e contato visual: as crianças fixaram o olhar por mais tempo nas mulheres atraentes, sugerindo que as percepções das pessoas em relação à beleza eram instintivas. A pesquisa recebeu destaque na *Newsweek* e na *Time*.

Ele quis escrever uma coluna criticando o estudo, em parte porque omitia algumas qualificações que ele considerava importantes. A beleza exterior podia chamar a atenção das pessoas à primeira vista – ele sabia que era tão suscetível quanto qualquer outro homem ao apelo de uma supermodelo –, mas sempre achou que inteligência e paixão fossem muito mais atraentes e importantes depois de um tempo. Era preciso mais do que um instante para decifrar essas características, e a beleza não tinha nada a ver com isso. Ela pode prevalecer por um tempo bem curto, mas a médio e longo prazo as normas culturais – principalmente aqueles valores e normas influenciados pela família – eram mais importantes. Seu editor, no entanto, considerou a ideia “subjetiva demais” e sugeriu que ele escrevesse algo sobre o uso excessivo de antibióticos na alimentação dos frangos, o que apresentava um potencial para transformar estreptococos na próxima peste bubônica. Fazia sentido, refletiu Jeremy com desgosto: o editor era vegetariano e sua esposa era ao mesmo tempo linda e radiante como o céu do Alasca no inverno.

Editores. Havia muito tempo ele concluíra que a maioria era hipócrita. Mas, como em grande parte das profissões, os hipócritas costumavam ser entusiasmados e ter jogo de cintura político – em outras palavras, sobreviventes corporativos –, o que significava que não apenas distribuíam as tarefas, mas também acabavam pagando as despesas.

Mas talvez, como Nate havia sugerido, em breve ele estaria fora dessa. Bem, não completamente. Alvin podia estar certo ao dizer que os produtores de televisão não eram muito diferentes dos editores, mas a TV pagava um salário decente, o que significava que ele poderia escolher seus projetos, em vez de ter que se virar o tempo todo. Maria estava certa ao contestar sua carga de trabalho tanto tempo antes. Em quinze anos, a quantidade de trabalho não mudou nada. Ah, as matérias podem ser mais importantes, ou ele pode ter mais facilidade para publicar suas reportagens por conta dos relacionamentos que construiu com o passar dos anos, mas nenhuma dessas coisas mudou o desafio essencial de sempre pensar em algo novo e

original. Ele ainda tinha que escrever dezenas de colunas para a *Scientific American*, pelo menos uma ou duas grandes investigações, e mais ou menos uns quinze artigos menores por ano, alguns de acordo com o tema da estação. O Natal está chegando? Escreva uma história sobre o verdadeiro São Nicolau, que nasceu na Turquia, virou bispo de Mira e era conhecido por sua generosidade, pelo amor pelas crianças e pela preocupação com os marinheiros. É verão? Que tal uma matéria sobre o aquecimento global e o inegável aumento da temperatura nos últimos cem anos, o que previa consequências saarianas em todos os Estados Unidos, ou como o aquecimento global pode causar a próxima era do gelo e transformar os Estados Unidos em uma tundra gelada. O dia de Ação de Graças, por outro lado, era bom para contar a verdade sobre a vida dos peregrinos, que não se tratava apenas de jantares amigáveis com nativos, mas incluía a caça às bruxas de Salem, epidemias de varíola e uma tendência repugnante ao incesto.

Entrevistas com cientistas famosos e artigos sobre vários satélites ou projetos da NASA sempre eram respeitados e fáceis de emplacar em qualquer época do ano, assim como denúncias sobre drogas (lícitas e ilícitas), sexo, prostituição, jogos de azar, bebidas, casos de tribunal envolvendo pagamentos milionários e qualquer coisa que tivesse a ver com fenômenos sobrenaturais, a maioria das quais tinha pouca ou nenhuma relação com ciência e mais com charlatões como Clausen.

Ele tinha que admitir que o processo não chegava nem perto de como ele imaginava que seria uma carreira de jornalista. Em Columbia – ele fora o único dos irmãos a frequentar a faculdade e o primeiro de toda a família a se formar, fato que sua mãe nunca se cansava de repetir para qualquer estranho –, cursou graduação dupla em física e química, com intenção de se tornar professor universitário. Mas uma namorada que trabalhava no jornal da universidade o convenceu a escrever uma matéria – que dependia muito do uso de estatísticas – sobre a distorção nas notas do vestibular. Quando seu artigo gerou inúmeras manifestações de alunos, Jeremy se deu conta de que levava jeito para escrever. Ainda assim, sua opção de carreira não mudou até que seu pai foi enganado por um falso consultor financeiro que lhe roubou 40 mil dólares, pouco antes de Jeremy terminar a faculdade. Com a casa da família em risco – o pai era motorista de ônibus e trabalhou para o Port Authority até se aposentar –, Jeremy faltou à cerimônia de formatura para rastrear o golpista. Como se estivesse possuído,

pesquisou registros judiciais e públicos, entrevistou colegas do trapaceiro e fez anotações detalhadas.

Como se fosse obra do destino, a promotoria de Nova York tinha peixes maiores do que um golpista chinfrim para pescar, então Jeremy confirmou mais uma vez suas fontes, resumiu as anotações e escreveu a primeira denúncia de sua vida. No fim, a casa foi salva e a revista *New York* publicou a matéria. O editor o convenceu de que a vida acadêmica não o levaria a lugar algum e, com uma mistura sutil de lisonja e retórica a respeito da busca do grande sonho, sugeriu que Jeremy escrevesse uma matéria sobre o Leffertex, um antidepressivo que passava pela terceira fase dos testes clínicos e era objeto de intensa especulação da mídia.

Jeremy aceitou a sugestão, trabalhando dois meses na matéria com seu próprio dinheiro. No fim, o artigo fez com que a farmacêutica suspendesse o medicamento. Depois disso, em vez de ir fazer mestrado no MIT, ele viajou para a Escócia para acompanhar cientistas que investigavam o Monstro do Lago Ness, primeira de suas matérias irrelevantes. Lá, esteve presente na confissão de leito de morte de um importante cirurgião que admitiu que a fotografia que havia tirado do monstro, em 1933 – a imagem que chamou a atenção do público para a lenda –, havia sido forjada por ele e por um amigo em uma tarde de domingo com a intenção de fazer uma pegadinha. O resto, como dizem, era história.

Ainda assim, quinze anos de matérias eram *quinze anos* de matérias, e o que ele havia recebido em troca? Tinha 37 anos, era solteiro e morava em um apartamento encardido, de um só quarto, no Upper West Side, e estava indo para Boone Creek, na Carolina do Norte, para investigar um caso de luzes misteriosas em um cemitério.

Ele balançou a cabeça, como sempre perplexo com o caminho que sua vida havia tomado. O grande sonho. Ainda estava por aí, e ele ainda tinha a paixão para alcançá-lo. Apenas agora havia começado a se perguntar se a televisão seria um modo de conseguir.



A história das luzes misteriosas se originou de uma carta que Jeremy havia recebido um mês antes. Quando a leu, logo pensou que daria uma boa matéria de Halloween. Dependendo do ângulo abordado, a *Southern Li-*

ving ou até mesmo a *Reader's Digest* poderiam se interessar em publicar na edição de outubro; se acabasse sendo mais literária e narrativa, talvez a *Harper's* ou a *New Yorker*. Por outro lado, se como Roswell, no Novo México, a cidade estivesse tentando se beneficiar com OVNI's, a matéria podia ser apropriada por um dos grandes jornais do Sul, que depois poderiam até vendê-la. Ou, se a mantivesse curta, poderia usá-la em sua coluna. Seu editor na *Scientific American*, apesar da *seriedade* com que considerava o conteúdo da revista, também tinha grande interesse em aumentar o número de assinantes e falava nisso sem parar. Ele sabia muito bem que o público adorava uma história de fantasma. Podia hesitar enquanto olhava para a foto da esposa e fingia avaliar os méritos, mas nunca deixara passar uma matéria como essa. Editores gostavam de coisas irrelevantes assim como qualquer pessoa, uma vez que os assinantes eram a sustentação desse negócio. E o irrelevante, era triste dizer, estava se tornando a base da mídia.

No passado, Jeremy havia investigado sete aparições de fantasmas; quatro acabaram indo parar em sua coluna de outubro. Algumas tinham sido bem comuns – visões espectrais que ninguém podia documentar cientificamente –, mas três delas envolviam *poltergeists*, supostos espíritos perversos capazes de mover objetos ou causar estragos. Segundo investigadores paranormais – o maior paradoxo que Jeremy já ouvira –, *poltergeists*, em geral, eram atraídos para uma pessoa em especial, e não para um lugar. Em cada ocasião que Jeremy havia investigado, incluindo aquelas bem documentadas pela mídia, a fraude tinha sido a causa dos acontecimentos misteriosos.

Mas, ao que parecia, as luzes de Boone Creek eram diferentes; previsíveis o bastante para que a cidade fosse capaz de promover um Passeio por Casas Históricas e Cemitério Assombrado, durante o qual, prometia o folheto, as pessoas veriam não apenas casas de meados da década de 1700, mas, se o clima permitisse, “os ancestrais angustiados de nossa cidade em sua marcha noturna entre este mundo e o além”.

O folheto, com fotografias da organizada cidade e declarações melodramáticas, havia sido enviado a ele junto com a carta. Enquanto dirigia, Jeremy se lembrava da mensagem:

Caro Sr. Marsh,

Meu nome é Doris McClellan, e há dois anos li uma matéria escrita por você na Scientific American sobre o fantasma que assombrava Bren-

ton Manor em Newport, Rhode Island. Pensei em lhe escrever naquela época, mas, por algum motivo, não o fiz. Acredito que simplesmente me tenha escapado da memória, mas, com o que anda acontecendo em minha cidade, estimo que seja uma boa hora para falar sobre isso.

Não sei se já ouviu falar sobre o cemitério de Boone Creek, na Carolina do Norte, mas diz a lenda que o cemitério é assombrado por espíritos de ex-escravos. No inverno – de janeiro até o início de fevereiro –, luzes azuis parecem dançar sobre as lápides sempre que o nevoeiro desce. Alguns dizem que parecem luzes estroboscópicas, outros juram que são do tamanho de bolas de basquete. Eu já vi. Para mim, parecem globos espelhados que brilham. Bem, no ano passado uns sujeitos da Universidade Duke vieram investigar. Acho que eram meteorologistas, geólogos ou algo assim. Eles também viram as luzes, mas não conseguiram encontrar uma explicação e o jornal local fez uma grande matéria sobre todo o mistério. Talvez, se vier até aqui, você consiga compreender o que as luzes são de fato.

Se precisar de mais informações, ligue para mim no Herbs, um restaurante aqui da cidade.

O restante da carta fornecia mais informações para contato. Depois ele deu uma olhada no folheto da Associação Histórica local. Leu textos que descreviam as diversas casas do passeio, as informações a respeito do desfile e do baile na sexta-feira à noite, e se viu erguendo a sobrancelha para o anúncio de que, pela primeira vez, uma visita ao cemitério seria incluída no passeio nas noites de domingos. Atrás do folheto – cercados pelo que pareciam desenhos do Gasparzinho feitos à mão –, havia depoimentos de pessoas que tinham visto as luzes e um excerto do que parecia ser um artigo do jornal local. No centro, uma fotografia granulada de uma luz forte no que podia ou não ser o cemitério (o texto dizia que sim).

Não era exatamente Borley Rectory, uma casa vitoriana “assombrada” na margem norte do rio Stour, em Essex, Inglaterra –, a construção mal-assombrada mais famosa da história, onde estavam incluídos a “observação” de cavaleiros sem cabeça, canções estranhas tocadas no órgão e o soar de sinos –, mas era o suficiente para despertar seu interesse.

Como não conseguiu encontrar o artigo mencionado na carta – não havia arquivo no site do jornal local –, ele entrou em contato com vários

departamentos da Universidade Duke e acabou encontrando o projeto de pesquisa original. Ele havia sido escrito por três alunos de pós-graduação e, embora tivesse os nomes e números de telefone, duvidava que teria por que ligar para eles. O relatório de pesquisa não tinha nenhum dos detalhes que ele esperava. Em vez disso, o estudo havia apenas documentado a existência das luzes e o fato de que o equipamento dos estudantes estava funcionando de maneira adequada, o que nem arranhava a superfície das informações a que precisava ter acesso. Além disso, se tinha aprendido algo nos últimos quinze anos, era a não confiar no trabalho de ninguém, apenas no seu.

Está vendo, esse era o segredo sujo sobre escrever para revistas. Enquanto todos os jornalistas podiam dizer que faziam sua própria pesquisa – e a maioria até fizesse *um pouco* –, eles ainda se apoiavam demais em opiniões e meias verdades publicadas no passado. Dessa forma, cometiam erros frequentes, em geral pequenos, às vezes grosseiros. *Todos* os artigos de *todas* as revistas tinham erros, e dois anos antes Jeremy havia escrito uma matéria sobre isso, expondo os hábitos menos louváveis de seus colegas de profissão.

Seu editor, no entanto, vetara a publicação. E nenhuma outra revista pareceu empolgada com a história.

Ele observava os carvalhos pela janela, imaginando se precisava mudar de carreira, e de repente desejou ter pesquisado mais sobre a história de fantasma. E se não houvesse luz nenhuma? E se a pessoa que escrevera a carta fosse uma charlatã? E se não tivesse lenda alguma em que basear o artigo? Ele balançou a cabeça. Não adiantava se preocupar. Além disso, era tarde demais. Ele já estava aqui, e Nate estava ocupado atendendo os telefones em Nova York.

No porta-malas, Jeremy tinha todos os itens necessários para caçar fantasmas (como revelado em *Caça-fantasmas de verdade!*, um livro que ele comprara originalmente como piada depois de uma noite de coquetéis). Ele tinha uma câmera Polaroid, uma 35mm, quatro filmadoras e tripés, gravador de áudio e microfones, detector de radiação de micro-ondas, detector eletromagnético, bússola, óculos de visão noturna, laptop e outras quinquilharias.

Precisava fazer tudo direito, afinal. Caçar fantasmas não era coisa para amadores.

Como se podia esperar, o editor havia reclamado do custo das engenhocas compradas recentemente, que sempre pareciam ser necessárias em investigações desse tipo. Jeremy lhe explicara que a tecnologia avançava depressa, e as engenhocas de ontem equivaliam a ferramentas de pedra, fantasiando sobre colocar na conta dele a mochila com fochos de laser que Bill Murray e Harold Ramis usaram no filme *Os Caça-Fantasmas*. Ele adoraria ver a cara do editor ao ouvir isso. O cara ficara exaltado como um coelho cheio de anfetaminas antes de enfim autorizar a compra dos itens. Ele sem dúvida ficaria muito irritado se a história acabasse na televisão, e não em sua coluna.

Sorrindo ao se lembrar da expressão do editor, Jeremy passou por várias estações – rock, hip-hop, country, gospel – até sintonizar em uma rádio local que entrevistava dois pescadores que falavam com entusiasmo sobre a necessidade de diminuir o peso permitido para a pesca do linguado. O locutor, que parecia interessado demais no assunto, era extremamente fanho. Os comerciais anunciavam a exposição de armas e moedas na Loja Maçônica em Grifton e as últimas mudanças de equipe na Nascar.

O trânsito se tornou mais intenso próximo a Greenville, e ele deu uma volta na região do centro, perto do campus da Universidade East Carolina. Cruzou o largo rio Pamlico, de águas salobras, e virou em uma estrada rural. O asfalto estreitava-se à medida que a pista serpenteava pelo interior, apertado de ambos os lados por áridos campos inverniais, bosques mais densos e uma ou outra casa de fazenda. Cerca de trinta minutos depois, notou que se aproximava de Boone Creek.

Depois do primeiro e único semáforo, o limite de velocidade caiu para 40 quilômetros por hora e, desacelerando, Jeremy observou a paisagem com desânimo. Além da meia dúzia de trailers encarapitados aleatoriamente nas laterais da estrada e alguns cruzamentos, a faixa de asfalto era dominada por dois postos de gasolina caindo aos pedaços e a Leroy's Pneus. Leroy anunciava seu negócio com uma placa no alto de uma torre de pneus usados que, em qualquer outro lugar, seria considerada um risco para incêndios. Jeremy chegou ao outro extremo da cidade em um minuto, ponto em que o limite de velocidade voltou a aumentar. Ele parou o carro na beira da estrada.

Ou a Câmara de Comércio havia usado fotografias de alguma outra cidade em seu site, ou ele tinha deixado passar alguma coisa. Estacionou

para verificar o mapa mais uma vez e, segundo a versão atualizada, estava em Boone Creek. Olhou pelo espelho retrovisor, imaginando onde ficava a cidade. As ruas calmas cercadas de árvores. As azaleias florescendo. As mulheres bonitas usando vestidos.

Enquanto tentava descobrir, viu o campanário branco de uma igreja acima da copa das árvores e decidiu descer uma das ruas transversais pelas quais havia passado. Depois de uma curva sinuosa, os arredores mudaram de repente e ele se viu dirigindo por uma cidade que podia ter sido graciosa e pitoresca um dia, mas agora parecia estar morrendo de velhice. Varandas decoradas com vasos de flores pendurados e bandeiras dos Estados Unidos não eram suficientes para esconder a tinta descascada e o mofo sob as calhas. Quintais eram sombreados por enormes árvores de magnólia, mas os arbustos de rododendros cuidadosamente podados escondiam apenas parte das fundações rachadas. De todo modo, o local parecia amigável o bastante. Alguns casais idosos vestindo suéteres e sentados em cadeiras de balanço na varanda acenaram para ele quando passou.

Só depois de vários acenos ele se deu conta de que eles não estavam acenando por achar que o conheciam, e sim porque as pessoas daqui acenavam para *qualquer um* que passasse de carro. Vagando de uma estrada para outra, Jeremy acabou encontrando a margem do rio, lembrando que a cidade havia se desenvolvido na confluência de Boone Creek com o rio Pamlico. Conforme passava pela área do centro, que sem dúvida algum dia fora uma próspera área de comércio, notou como a cidade parecia estar se extinguindo. Dispersos entre os espaços vazios e janelas fechadas com tábuas havia duas lojas de antiguidades, uma lanchonete antiquada, um bar chamado Lookilu e uma barbearia. A maioria dos estabelecimentos tinha nomes típicos e parecia existir havia décadas, mas lutavam em uma guerra perdida contra a extinção. A única evidência da vida moderna eram as camisetas em cores neon decoradas com slogans como *Eu sobrevivi aos fantasmas de Boone Creek!* penduradas na vitrine do que devia ser a versão sulista-rural de uma loja de departamentos.

Foi bem fácil encontrar o Herbs, onde Doris McClellan trabalhava. Ficava perto do fim da quadra, em um prédio vitoriano restaurado, cor de pêssego, da virada do século. Havia carros estacionados na frente e no pequeno estacionamento ao lado, coberto de cascalho, e dava para ver mesas por trás das janelas encortinadas e na varanda. Pelo que Je-

remy podia ver, todas as mesas estavam ocupadas, então decidiu que seria melhor passar para falar com Doris depois que o movimento diminuísse.

Observou a localização da Câmara de Comércio, um pequeno prédio de tijolos nos limites da cidade, e voltou na direção da estrada. Por impulso, parou em um posto de gasolina.

Depois de tirar os óculos de sol, Jeremy abriu o vidro. O proprietário de cabelos grisalhos usava um macacão encardido e um boné da Nascar. Ele se levantou devagar e começou a caminhar na direção do carro, mascando o que Jeremy presumiu ser tabaco.

– Posso ajudar? – Seu sotaque era sulista e os dentes estavam manchados de marrom. O nome no crachá era TULLY.

Jeremy pediu indicações sobre como chegar ao cemitério, mas, em vez de responder, o homem ficou olhando para ele com atenção.

– Quem foi que morreu? – perguntou por fim.

Jeremy piscou.

– O quê?

– Não está indo pra um enterro? – perguntou o dono do posto.

– Não. Eu só queria conhecer o cemitério.

O homem assentiu.

– Bom, parece que está indo pra um enterro.

Jeremy olhou para as próprias roupas: uma jaqueta preta sobre blusa de gola alta preta, jeans pretos, sapatos pretos. O homem tinha razão.

– É que gosto de preto. Bem, sobre o caminho...

O homem levantou a aba do boné e falou devagar:

– Não gosto de enterros. Me fazem pensar que eu tinha que ir mais na igreja para acertar as coisas antes que seja tarde demais. Já senti isso?

Jeremy não sabia o que dizer. Não era uma pergunta que lhe fizessem com frequência, especialmente em resposta a um pedido de informação.

– Acho que não – arriscou dizer.

O dono do posto tirou um trapo do bolso e começou a limpar a graxa das mãos.

– Estou vendo que não é daqui. Você fala engraçado.

– Sou de Nova York – explicou Jeremy.

– Já ouvi falar, mas nunca fui lá. – O homem olhou para o Taurus. – Esse carro é seu?

– Não, é alugado.
Ele fez um gesto com a cabeça, sem dizer nada por um instante.

– Bom, mas sobre o cemitério... – insistiu Jeremy. – Pode me dizer como chegar lá?

– Acho que sim. Pra qual cemitério você quer ir?

– Acho que se chama Cedar Creek.
O proprietário ficou olhando para ele com curiosidade.

– Pra que você quer ir lá? Não tem nada pra ver lá. Tem uns cemitérios melhores do outro lado da cidade.

– Na verdade, só estou interessado nesse.
O homem não parecia tê-lo ouvido.

– Tem algum parente seu enterrado lá?

– Não.

– É um desses construtores importantes do norte? Talvez esteja querendo construir uns prédios ou um daqueles shoppings nas terras de lá?

Jeremy negou com a cabeça.

– Não, na verdade sou jornalista.

– Minha mulher gosta daqueles shoppings. Dos prédios também. Pode ser uma boa ideia.

– Ah! – exclamou Jeremy, imaginando o quanto essa conversa se prolongaria. – Gostaria de poder ajudar, mas não é meu ramo de trabalho.

– Precisa de gasolina? – perguntou o homem, indo para a traseira do carro.

– Não, obrigado.
Ele já estava desenroscando a tampa.

– Comum ou aditivada?

Jeremy se ajeitou no banco, pensando que o homem tinha o direito de trabalhar.

– Pode ser da comum.

Depois de ligar a bomba, o homem tirou o boné e passou a mão pelos cabelos enquanto voltava até a janela.

– Se tiver algum problema no carro, pode me procurar. Sei consertar os dois tipos de carro, e por um preço justo.

– Dois?

– Os de fora e os daqui – disse ele. – Achou que eu estava falando de quê?

– Sem esperar resposta, o homem balançou a cabeça, como se Jeremy fosse um idiota. – Meu nome é Tully, aliás. E o seu?

– Jeremy Marsh.

– E você é urologista?

– Jornalista.

– Aqui na cidade não tem nenhum urologista. Mas tem uns em Greenville.

– Ah – disse Jeremy, sem se preocupar em corrigi-lo. – Bom, mas e o caminho para Cedar Creek...?

Tully coçou o nariz e olhou para a estrada antes de voltar a olhar para Jeremy.

– Bom, não vai dar pra ver nada agora. Os fantasmas só saem de noite, se é o que está procurando.

– O quê?

– Os fantasmas. Se não tem parente enterrado no cemitério, então deve estar aqui por causa dos fantasmas, né?

– Ouviu falar dos fantasmas?

– É claro que ouvi. Vi com meus próprio olhos. Mas, se quer comprar ingresso, vai ter que passar na Câmara de Comércio.

– Precisa de ingresso?

– Bom, você não pode sair entrando na casa dos outros, né?

Jeremy levou um tempo para compreender sua linha de raciocínio.

– Ah, está certo – disse por fim. – O Passeio por Casas Históricas e Cemitério Assombrado, não é?

Tully ficou olhando para Jeremy, como se ele fosse a pessoa mais ignorante da face da terra.

– Bom, é claro que estamos falando do passeio – disse ele. – Achou que eu estava falando de quê?

– Não sei bem – respondeu Jeremy. – Mas e o caminho...?

Tully balançou a cabeça.

– Certo, certo – falou, como se tivesse ficado irritado de repente.

Ele apontou na direção da cidade.

– O que você tem que fazer é voltar até o centro, aí seguir pela estrada principal até achar o retorno depois de uns 6 quilômetros de onde ela acabava antes. Virar para o oeste e continuar indo até chegar a uma bifurcação, depois seguir a estrada que passa pelas terras do Wilson Tanner. Virar para o norte de novo onde tinha o ferro-velho, ir reto mais um pouco, e o cemitério vai estar logo ali.

Jeremy fez um sinal positivo com a cabeça.

– Certo.

– Tem certeza de que entendeu tudo?

– Bifurcação, terras do Wilson Tanner, lugar onde era o ferro-velho – ele repetiu como um robô. – Obrigado pela ajuda.

– Sem problemas. Fico feliz em poder servir. São 7 dólares e 49 centavos.

– Aceita cartão de crédito?

– Não. Nunca gostei dessas coisas. Não gosto que o governo fique sabendo de tudo o que eu faço. Não é da conta de ninguém.

– Bem – disse Jeremy, pegando a carteira –, isso é um problema. Ouvi dizer que o governo tem espiões em todo lugar.

Tully assentiu.

– Aposto que é ainda pior para vocês, que são médicos. O que me lembra...



Tully continuou falando sem parar pelos quinze minutos seguintes. Jeremy tomou conhecimento das excentricidades do clima, dos decretos ridículos do governo e de como Wyatt – o dono do outro posto de gasolina – extorquiria Jeremy se ele fosse abastecer lá, já que adulterava a calibragem das bombas assim que o caminhão de abastecimento saía. Mas o que ele mais ouviu foi sobre o problema de Tully com sua próstata, o que o obrigava a levantar da cama pelo menos cinco vezes por noite para ir ao banheiro. Ele perguntou a opinião de Jeremy a respeito, uma vez que ele era urologista. Também perguntou sobre Viagra.

Depois de reabastecer a boca duas vezes com tabaco, um carro parou do outro lado da bomba, interrompendo a conversa. O motorista abriu o capô e Tully olhou lá dentro antes de manipular alguns fios e cuspir de lado. Ele prometeu que poderia consertar, mas disse que estava muito ocupado e por isso o homem teria que deixar o carro lá por, pelo menos, uma semana. O estranho já parecia esperar essa resposta e, um instante depois, estavam conversando sobre a Sra. Dungeness e o fato de um gambá ter entrado em sua cozinha na noite anterior e comido as frutas da fruteira.

Jeremy aproveitou a oportunidade para sair de fininho. Parou na loja de departamentos para comprar um mapa e um pacote de cartões-postais com os pontos turísticos de Boone Creek e logo estava dirigindo pela

estrada sinuosa que levava para fora da cidade. Por mágica, encontrou tanto o retorno quanto a bifurcação, mas infelizmente passou direto pelas terras de Wilson Tanner. Voltando um pouco, ele enfim achou uma viela estreita de cascalho quase escondida por árvores enormes de ambos os lados.

Ao fazer a volta, ele sacolejou passando por vários buracos até a floresta ficar mais esparsa. À direita, passou por uma placa que dizia que ele estava se aproximando de Riker's Hill – local de uma das batalhas da Guerra Civil –, e alguns minutos depois parou diante do portão principal do Cemitério Cedar Creek. Ao fundo, destacava-se a colina de Riker's Hill. “Destacava-se” era maneira de dizer, claro, já que parecia ser a única colina desse lado do estado. Qualquer coisa pareceria se destacar por aqui. O local era tão plano quanto os linguados sobre os quais ouvira no rádio.

Cercado por colunas de tijolos e portões de ferro fundido enferrujado, o Cemitério Cedar Creek ficava em um pequeno vale, dando a impressão de que estava afundando lentamente. O local era sombreado por um grande número de carvalhos cobertos de musgo, mas a gigantesca magnólia no centro dominava tudo. Raízes saíam do troco e sobressaíam na terra como dedos com artrite.

Embora o cemitério parecesse um dia ter sido um local organizado e tranquilo para o descanso final, agora estava abandonado. O caminho de terra que partia do portão principal estava cheio de sulcos abertos pela chuva e coberto por folhas em decomposição. Os poucos canteiros com grama seca pareciam fora do lugar. Galhos caídos apoiavam-se aqui e ali, e o terreno irregular fazia Jeremy se lembrar de ondas rolando na direção da praia. Ervas daninhas brotavam perto das lápides, em sua maioria quebradas.

Tully tinha razão. Não havia muito o que ver. Mas, para um cemitério assombrado, era perfeito. Sobretudo um que podia acabar na televisão. Jeremy sorriu. Parecia que aquele lugar havia sido projetado em Hollywood.

Ele desceu do carro e esticou as pernas antes de pegar a câmera no porta-malas. A brisa estava fria, mas nem de perto era como o frio ártico de Nova York, e ele respirou fundo, desfrutando do perfume de pinho e capim-do-campo. No alto, nuvens deslizavam pelo céu e um falcão solitário circulava ao longe. Riker's Hill era pontuado por pinheiros e nos campos que se espalhavam desde sua base, Jeremy viu um celeiro para armaze-

namento de tabaco abandonado. Coberto de trepadeira, sem metade do telhado de latão e uma das paredes em ruínas, a construção pendia para o lado, como se qualquer brisa mais forte pudesse derrubá-la. Fora isso, não havia nenhum sinal de civilização.

Jeremy empurrou o portão enferrujado, que rangeu, e começou a percorrer o caminho de terra. Observou as lápides dos dois lados, surpreso pela falta de marcações, até se dar conta de que os entalhes originais, em sua maioria, haviam sido apagados pelo clima e pela passagem do tempo. Os poucos que conseguiu distinguir datavam do final de 1700. Adiante, uma cripta parecia ter sido invadida. O teto e as laterais haviam tombado; logo depois, outro monumento em ruínas surgiu no caminho. Mais criptas danificadas e monumentos arruinados foram aparecendo. Jeremy não viu nenhuma evidência de vandalismo proposital, apenas desgaste natural, embora grave. Também não viu nenhum indício de que alguém tivesse sido enterrado aqui nos últimos trinta anos, o que explicaria por que parecia abandonado.

À sombra da magnólia, ele parou, perguntando-se como seria esse lugar em uma noite com neblina. Provavelmente assustador, o que estimularia a imaginação das pessoas. Mas, se havia luzes inexplicáveis, de onde vinham? Ele imaginava que os “fantasmas” não passavam de luz refletida transformada em prisma por gotículas de água na neblina, mas não havia nenhum poste de luz no local e o cemitério não tinha iluminação. Também não viu sinal de nenhuma moradia em Riker’s Hill que pudesse ser responsável pelo evento. Supôs que pudessem vir dos faróis dos carros, mas só havia aquela única estrada por perto, e as pessoas já teriam notado a conexão há muito tempo.

Ele precisaria arrumar um bom mapa topográfico da região, além do mapa de ruas que tinha acabado de comprar. Talvez encontrasse na biblioteca local. De todo modo, passaria lá para pesquisar a história da biblioteca e da própria cidade. Precisava saber quando as luzes foram vistas pela primeira vez; isso poderia lhe dar uma ideia de sua origem. É claro que também teria que passar algumas noites na cidade assombrada, se o tempo enevoado estivesse disposto a colaborar.

Passou um tempo caminhando pelo cemitério, tirando fotos. Essas não seriam para publicação; serviriam de comparação caso ele encontrasse fotos mais antigas do cemitério. Jeremy queria ver como ele havia se modificado ao longo dos anos, e poderia tirar algum proveito se soubesse quando

– ou por quê – os danos ocorreram. Ele tirou uma foto da magnólia também. Certamente era a maior que já vira. Seu tronco escuro estava ressecado e os galhos baixos teriam mantido ele e os irmãos ocupados por horas quando eram meninos. Isto é, se não estivessem cercados por mortos.

Enquanto passava os olhos sobre as fotos digitais para garantir que fossem suficientes, viu um movimento pelo canto de olho.

Olhando para a frente, viu uma mulher caminhando em sua direção. Vestindo jeans, botas e um suéter azul-claro que combinava com sua bolsa de lona, tinha cabelos castanhos que batiam de leve nos ombros. A pele com um toque moreno dispensava maquiagem, mas foi a cor de seus olhos que chamou a atenção de Jeremy: de longe, pareciam quase violeta. Independentemente de quem fosse, havia parado o carro bem atrás do dele.

Por um instante, imaginou se ela estaria se aproximando para pedir que ele saísse. Talvez o cemitério estivesse condenado e interditado. Ou talvez a visita tenha sido apenas uma coincidência.

Ela continuou caminhando na direção dele.

Pensando bem, uma coincidência bastante *atraente*. Jeremy endireitou o corpo enquanto guardava a câmera de volta no estojo. Deu um largo sorriso quando ela chegou perto.

– Olá – disse ele.

Logo após o comentário, ela diminuiu um pouco o passo, como se não o tivesse visto. Sua expressão parecia quase entretida, e ele esperava que ela parasse. Em vez disso, pensou tê-la ouvido rir ao passar direto por ele.

Com as sobrancelhas erguidas em reconhecimento, ele a observou indo embora. Ela não olhou para trás. Antes que pudesse se conter, Jeremy deu um passo atrás dela.

– Ei! – gritou.

Em vez de parar, ela apenas se virou e continuou andando de costas, com a cabeça inclinada com curiosidade. Mais uma vez, Jeremy viu sua expressão entretida.

– Sabe, você não devia ficar encarando assim – disse ela em voz alta. – Mulheres gostam de homens que sabem ser sutis.

Ela se virou outra vez, ajeitou a bolsa de lona sobre o ombro, e continuou. Ao longe, ele a ouviu rir de novo.

Jeremy ficou boquiaberto, sem saber como reagir.

Certo, então ela não estava interessada. Grande coisa. Ainda assim, a maioria das pessoas teria pelo menos respondido com um “olá”. Talvez fosse coisa do sul. Talvez os homens dessem em cima dela o tempo todo e ela estivesse cansada disso. Ou talvez não quisesse ser interrompida enquanto fazia...

O quê?

Está vendo, esse era o problema do jornalismo, ele suspirou. A profissão o transformara em alguém muito curioso. Na verdade, não era da sua conta. Além disso, lembrou a si mesmo, estava em um cemitério. Ela devia estar aqui para visitar um falecido. As pessoas faziam isso o tempo todo, não faziam?

Ele franziu a testa. A única diferença era que na maioria dos cemitérios alguém cortava a grama de vez em quando, enquanto esse parecia São Francisco depois do terremoto de 1906. Ele imaginou que pudesse ir atrás dela para ver o que ia fazer, mas já havia falado com mulheres suficientes para se dar conta de que espionar podia parecer muito mais assustador do que encarar.

Jeremy se esforçou para não ficar olhando enquanto ela desaparecia atrás de um dos carvalhos, com a bolsa de lona balançando a cada passo gracioso.

Foi só depois que ela desapareceu que ele conseguiu se lembrar de que garotas bonitas não importavam no momento. Ele tinha um trabalho a fazer e seu futuro estava em jogo. Dinheiro, fama, televisão, blá-blá-blá. Certo, e depois? Ele já tinha visto o cemitério... podia verificar também uma parte dos arredores. Sentir um pouco o clima do lugar.

Voltou para o carro e entrou, satisfeito por não ter olhado para trás a fim de ver se ela o observava. Duas pessoas podiam jogar esse jogo. Pressupondo que ela se importasse com o que ele estava fazendo, claro, e ele tinha quase certeza de que não era o caso.

Um rápido olhar do banco do motorista provou que ele estava certo.

Deu a partida e acelerou com calma; ao se afastar do cemitério, não teve dificuldade em tirar a imagem da mulher da cabeça e se concentrar na tarefa que tinha que executar. Seguiu pela estrada para ver se outras vias – de cascalho ou pavimentadas – cruzavam com ela e ficou de olho em moinhos ou construções com telhado de latão, mas não encontrou nada. Nem mesmo algo simples como uma casa de fazenda.

Dando a volta, começou a retornar pelo mesmo caminho, procurando uma estrada que o levasse para o alto de Riker's Hill, mas, frustrado, acabou desistindo. Conforme foi se aproximando novamente do cemitério, se pegou refletindo sobre quem seria o dono dos campos que o cercavam, e se Riker's Hill ficava em terras públicas ou privadas. A prefeitura sem dúvida teria essa informação. O jornalista de olhar aguçado que havia dentro dele também acabou por notar que o carro da mulher não estava mais lá, o que gerou uma leve, embora surpreendente, pontada de decepção, que passou com a mesma velocidade com que aparecera.

Olhou no relógio; passava um pouco das duas horas e ele imaginou que o movimento da hora do almoço no Herbs devia estar terminando. Ele poderia muito bem falar com Doris. Talvez ela pudesse jogar alguma “luz” sobre a questão.

Sorriu consigo mesmo sem motivo, imaginando se a mulher que havia visto no cemitério riria dessa observação.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br